

A AÇÃO ESPECÍFICA E SUAS COORDENADAS EM FREUD

*Mônica Eulália da Silva Januzzi**
*Andréa Máris Campos Guerra***

RESUMO

Este artigo investiga o estatuto teórico-conceitual do termo “ação específica” na obra de Freud, objetivando demonstrar que seu uso pragmático pode ser útil às práticas de cuidado desenvolvidas no campo das políticas públicas. Realizou-se uma revisão teórico-conceitual do termo a partir das notas de James Strachey no “Projeto para uma psicologia científica”, e, pela leitura sistemática de todas as passagens do termo, produziram-se quatro coordenadas para servirem de chaves de leitura para a formalização do estatuto do termo em Freud. Conclui-se que, sendo a ação específica uma resposta a um estado de desamparo pulsional

*Psicanalista. Professora Adjunta no Departamento e no Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Psicologia da PUC Minas (CAPES 5). Doutora e Mestre em Psicologia pela PUC-Minas, Pós-Doutorado em Estudos Psicanalíticos UFMG/FAFICH. Pesquisadora no Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Crítica Social LAPCRIS da PUC Minas, pesquisadora e colaboradora do Núcleo de Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo, PSILACS- UFMG, membro do GT Psicanálise, Clínica e Política da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia -ANPEPP. Membro da Rede Internacional de Pesquisa em Criminologia e Psicanálise - RICA. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da PUC Minas.

**Psicanalista e Professora no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde coordena o Núcleo @PSILACS (Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo). Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ) com Estudos Aprofundados na Université de Rennes 2 (França). Bolsista de Produtividade 2 do CNPq. Professora visitante na França, Bélgica e Colômbia. Coordenadora do Projeto Editorial Decolonização e Psicanálise com a Editora n-1. Membro-fundadora da Rede RICA (Rede Internacional de Investigação em Psicanálise e Criminologia), do GT Psicanálise, Clínica e Política da Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia (ANPEPP), da Rede Interamericana de Pesquisa e Psicanálise e Política (REDIPPOL), da Rede Internacional Coletivo Amarrações e da Rede internacional UBUNTU - Psicanálise e Decolonização. Autora de diversos livros e artigos.

no qual o sujeito ultrapassa a condição de organismo transformando-se em sujeito da linguagem, tal noção pode contribuir para o exercício dos mandatos psicossociais das instituições de cuidado.

Palavras-chave: ação específica; psicanálise; desamparo.

THE SPECIFIC ACTION AND ITS COORDINATES IN FREUD

ABSTRACT

This essay investigates the theoretical / conceptual development of the term “specific action” in Freudian thought. It aims to demonstrate that pragmatic use of such term may be useful to public policies on mental health care. A theoretical / conceptual review is conducted through the analysis of all footnotes written by James Strachey in “Project for a Scientific Psychology”, and four distinct categories have been elaborated to function as reading keys, contributing to a more accurate definition of the term. In conclusion, since such action emerges as a response to a state of helplessness in which the subject surpasses the condition of organism to become a subject of language, such notion may contribute to psychosocial practices in institutions of care.

Keywords: specific action; Psychoanalysis; helplessness.

L’ACTION SPÉCIFIQUE ET SES COORDONNÉES CHEZ FREUD

RESUMÉ

Cet article explore le statut théorico-conceptuel du terme «action spécifique» dans l’œuvre de Freud, visant à démontrer que son usage pragmatique peut être utile aux pratiques de soins développées dans le domaine des politiques publiques. Une revue théorico-conceptuelle du terme a été réalisée à partir des notes de James Strachey dans le «Projet pour une psychologie scientifique», et, à travers la lecture systématique de tous les passages du terme, quatre coordonnées ont été produites pour servir de clés de lecture pour la formalisation du statut du terme chez Freud. On en conclut que, l’action spécifique étant une réponse à un état d’impuissance instinctive dans lequel le sujet dépasse la condition d’un organisme, devenant sujet de langage, cette notion peut contribuer à l’exercice des mandats psychosociaux des établissements de soins.

Mot-clés: action spécifique; psychanalyse; impuissance.

Em meados de 2018, no bojo das pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo (PSILACS), no Departamento de Psicologia da UFMG, teve início um estudo¹ que

interrogava se a categoria do desamparo em Freud poderia orientar a construção de ações específicas de cuidado nas intervenções psicossociais, especialmente com adolescentes em situação de vulnerabilidade. Para isso, empreendeu-se uma revisão teórica da noção de desamparo e de ação específica ao longo da obra freudiana, bem como analisou-se casos de adolescentes em situação e vulnerabilidade. Esperava-se encontrar uma chave teórica freudiana que subsidiasse a ação de cuidado nas políticas públicas, colaborando com sua metodologia clínico-social.

Nos quatro casos analisados, verificou-se que os jovens cumpriam medidas socioeducativas em função de atos infracionais cometidos e dirigidos ao núcleo familiar. O desamparo apareceu da seguinte forma, respectivamente: Caso 1) no modo como os afetos da família do jovem em questão eram mediados pelo racionamento ou liberação dos alimentos, remetendo à pulsão oral e anal; Caso 2) no modo como algo da transmissão do desamparo radical vivenciado pela mãe, em sua história, filia o jovem no sintoma da trama familiar; Caso 3) no modo como a adoção do menino ideal se confrontou com o real das transformações da puberdade, no sujeito adolescente, através da diferença que se apresentou no âmbito biológico; e Caso 4) no modo como a indiferença radical do Outro primordial reencontrou reverberações no laço social, culminando no ato de suicídio do jovem (Guerra & Januzzi, 2020; Guerra, Januzzi & Ferrari, 2021).

Neste artigo, nos detivemos na revisão sistematizada da noção de ação específica como parte indispensável desta investigação. Na psicanálise freudiana, o termo desamparo (Freud, 1895) surge originalmente vinculado ao termo “ação específica”, inscrevendo-se na operação fundamental que, em Lacan, estabelece o eixo necessidade-demanda-desejo. Este aspecto demonstra a importância do termo enquanto ação que apazigua o estado de desamparo, ineliminável do sujeito falante, fato clínico que pede definição e formalização mais aprofundada. Foi a constatação desta necessidade que nos levou a desenvolver a elaboração teórico-conceitual do termo freudiano neste artigo. No âmbito da psicanálise, considerando a dimensão estruturante do desamparo para o sujeito, este artigo interroga se a noção teórico-conceitual da ação específica em Freud, poderia funcionar como uma coordenada clínica

no campo psicossocial das políticas públicas, guardada a distância entre o rigor conceitual e a aplicação prática da noção como orientação na clínica psicossocial ampliada.

O PERCURSO TRAÇADO

Ao rastreamos a obra freudiana verificamos que a experiência clínica de Freud o levou a compreender, logo nos primeiros esboços que produziu, certas ações específicas que regulam e operam o psiquismo no processo de constituição do sujeito. Por esta razão, iniciamos nossa revisão teórico-conceitual pelo termo “ação específica”. Com a revisão sistemática de todas as passagens freudianas referentes ao termo, buscamos extrair a lógica conceitual imbuída em cada referência a fim de precisar a funcionalidade dos mesmos para aplicação em novos contextos.

As notas de James Strachey (1996, p. 349) nos oferecem o caminho a ser percorrido na obra freudiana. Segundo o editor, a ideia da “ação específica” surge pela primeira vez em Freud em textos de 1894 e 1895, apresentada por meio de diferentes termos, tais como “reação específica”, “ação específica” e “ação adequada”. É, porém, no texto do “Projeto para uma psicologia científica”, de 1895, que o termo é articulado pela primeira vez ao do “desamparo”, ganhando uma fórmula mais estável na obra. A maioria das citações relativas à “ação específica” está nesse período inicial, com exceção de uma aparição no texto do “Recalque”, já em 1915, com a expressão “ação que o satisfaz”, e em outra que surge em 1930 em “O mal-estar na civilização”, através da expressão “ação especial”. Apesar de não ter sido indicado por Strachey, localizamos logo no início do texto “As pulsões e suas vicissitudes” um trecho em que Freud parece abordar o assunto quando fala sobre “uma ação que é conveniente a...”.

Ao longo deste texto, cada uma destas expressões serão melhor desenvolvidas a partir do percurso traçado, no qual extraímos quatro coordenadas relativas ao estatuto teórico-conceitual do termo “ação específica” em Freud, enquanto chaves de leitura em nossa busca por responder ao problema de pesquisa. Por este motivo, ao nos restringirmos à revisão do termo, não estenderemos a análise à situação social e psíquica que a subsidia concretamente.

REAÇÃO ESPECÍFICA, AÇÃO ADEQUADA, AÇÃO ESPECÍFICA

É do período embrionário da psicanálise que partimos em busca da compreensão de como o termo “ação específica” foi sendo elaborado por Freud. Ao observarmos o movimento inaugural desse período, parecemos que seria possível resgatar algumas coordenadas acerca do estatuto do termo, o que possibilitou que nosso percurso fosse orientado por elas.

A primeira dessas coordenadas começa a se delinear no “Rascunho D - Sobre a etiologia e a teoria das principais neuroses”, texto de 1894 que consiste em uma estrutura esquemática, dividida em duas partes. Assemelha-se a um roteiro de um futuro trabalho que, na verdade, nunca foi escrito. Nele, o termo “reação específica” aparece pela primeira vez na obra de Freud (1894/1996a). Trata-se do tópico: “Reação específica - Formulação e exposição da teoria da constância” (p. 232). Na segunda parte do texto, localiza-se o que nos interessa discutir de forma mais detalhada. Ali, Freud (1894/1996a) indica seu desejo de trabalhar os pontos de contato que dinamizariam a relação neuronal, ao mesmo tempo que relaciona a teoria de uma constância energética a uma “reação específica”. Supõe um aumento interno e externo dos estímulos e diferencia uma excitação constante de outra passageira. Parece especificar o estímulo que gera a excitação interna, já que, logo em seguida, ressalta o caminho que situa algo no corpo como se vê no tópico “Soma, uma característica da excitação interna” (Freud, 1894/1996a, p. 232).

Ainda que incipientes, tais formalizações serão importantes para a discussão que futuramente surgirá na obra freudiana a respeito do funcionamento psíquico e de sua economia pulsional. Por isso, o roteiro no qual o “Rascunho D” consiste, parece preparar o caminho para a discussão que reaparecerá, de forma mais consistente, um ano mais tarde, no “Projeto para uma psicologia científica”. Por ora, temos aqui um esboço do princípio da constância que se encontra atribuída ao psiquismo, com matriz somática, e a alusão ainda incipiente de um tipo de ação que, por sua especificidade, produziria efeitos neste mecanismo, embora não houvesse ainda nem mesmo a formalização da primeira tópica nesses escritos em que Freud, pouco a pouco, dava forma a um novo objeto: o inconsciente.

Às voltas com possíveis causas de origem sexual para as neuroses, Freud (1894/1996a), que à época tentava se ancorar muito mais nas ciências naturais do que em quaisquer outras, propõe uma leitura quantitativa destes processos. Ele os apresenta como processos que se dão no corpo por meio de modos de regulação energética do psiquismo. Os avanços de sua época referentes ao campo da física e da eletricidade (Assoun, 1983) e o modo como é influenciado por esses avanços se refletem na linguagem que vai se sobressaindo ao longo das discussões: vias de descarga, vias de condução, tensão, energia. É assim que Freud subsidia sua compreensão da psique humana a partir da correlação de tensões e descargas. E é aí que nos deparamos com nossa primeira coordenada: a ação específica é parte de um mecanismo energético de regulação, no corpo, do aumento de excitação do estímulo interno.

Obviamente, tais articulações ainda se encontram em um momento muito preliminar à teoria das pulsões², e, embora o termo “pulsão” (*trieb*) não apareça nesses textos, a discussão freudiana já abre caminho para demarcar o modo como, no organismo, opera-se a via que atinge o psiquismo pela superação fisiológica, inaugurando uma experiência que escapa aos determinismos biológicos.

No mesmo ano de 1894, Freud (1894/1996b) escreve “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’”. Na terceira parte do texto, preocupado em distinguir uma etiologia central para as neuroses de angústia, supõe que nesses casos haveria um decréscimo acentuado da libido sexual, ou psíquica, levando a um acúmulo da excitação somática ocorrida por uma mudança de trajetória. “Todas essas indicações, dizia eu, levam-nos a esperar que o mecanismo da neurose de angústia deva ser buscado numa deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no consequente emprego anormal dessa excitação” (Freud, 1894/1996b, p. 109).

Compreende-se daí o papel dado por Freud (1894/1996b, p. 110) àquilo a que ele se refere como sendo uma “descarga adequada”. Ele supõe o traçado de uma via que leva o estímulo endógeno, do órgão, até o córtex cerebral, expressando-se, assim, como um estímulo psíquico, o que resulta no suprimento de energia do grupo de representações sexuais presentes na psique. Daí instala-se um estado psíquico de tensão

libidinal que precisa ser descarregado de modo específico, diferente, por exemplo, dos demais estímulos fisiológicos que chegam ao tecido vivo e que são percebidos como vindos de fora do organismo como é o caso das sensações. No caso da “descarga adequada” trata-se, portanto, de uma ação cuja especificidade é a de vir de fora do organismo, para responder a um tipo específico de estímulo que se origina no próprio organismo.

Nesse momento, em que recolhemos uma primeira definição do termo “ação específica”, ou “ação adequada”, como um tipo de descarga adequada ao estímulo endógeno – “uma descarga psíquica deste gênero só é possível por meio do que chamarei de ‘ação específica ou adequada’” (Freud, 1894/1996b, p. 109) –, observamos que Freud recorre ao modelo fisiológico do arco reflexo raquidiano para melhor ilustrar a compreensão do termo. Essa ação adequada, ele diz, consiste “(...) num complicado ato reflexo raquidiano que promove a descarga das terminações nervosas, e em todas as preparações psíquicas que têm que ser feitas para acionar esse reflexo” (Freud, 1894/1996b, p. 109).

A explicação completa deste ato que opera por reflexo se encontra no “Rascunho G”, do qual falaremos em seguida. Por ora, o que Freud põe em relevo é a relação que tal ação tem com o estímulo endógeno. Diante dele, “(...) qualquer coisa que não a ação adequada seria infrutífera, pois, uma vez que a excitação sexual somática atinja seu valor limite, ela se converte continuamente em excitação psíquica” (Freud, 1894/1996b, p. 109). Os primórdios da construção freudiana da dimensão simbólica, aquela que imprime a linguagem como ferramenta central na composição dos afetos e no tratamento da angústia, têm aí sua origem.

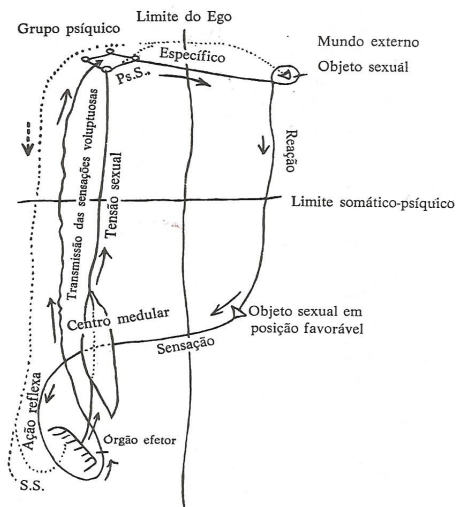
No “Rascunho E – como se origina a angústia”, Freud (1894/1996c) escreve que, na impossibilidade de este tipo de descarga adequada acontecer, “(...) a tensão físico-psíquica (o afeto sexual) aumenta desmedidamente” (pp. 237-238). O processo é descrito da seguinte forma: “a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um afeto sexual não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, é transformada em angústia” (Freud, 1894/1996c, p. 238). Trata-se de uma situação em que o aparelho precisa de algum fator extra, capaz de ligar a tensão física ao psiquismo, ultrapassando o limiar somático.

Vale dizer que àquela altura Freud (1894/1996c) ainda acreditava que a angústia era resultado da insatisfação das pulsões sexuais, ainda que, mais tarde, em “Inibições, sintomas e angústia” (Freud, 1926/1996), passe a tratá-la como um sinal que alerta para a situação desprazerosa que vem antes, e não depois do evento traumático. Não obstante, a despeito desta discussão sobre a origem desse sentimento, observamos que Freud propõe a existência de uma articulação em que a ação específica parece ter efeitos importantes sobre a angústia. E é daí que extraímos nossa segunda coordenada: uma ação específica pode dar tratamento para a angústia ao restabelecer a regulação e o emprego “adequado” das excitações sexuais no psiquismo.

É, então, no “Rascunho G – Melancolia”, que Freud (1895/1996a, pp. 247-248) fará uma clara alusão ao modelo do reflexo raquidiano para representar o que chamou de “diagrama esquemático da sexualidade”, indicando nele o modo como a tensão sexual física pode ser psiquicamente manejada e transformada.

Figura 1 - Quadro esquemático da sexualidade

1. QUADRO ESQUEMÁTICO DA SEXUALIDADE



Fonte: Recuperado de “Rascunho G” (Freud, 1895/1996a).

A representação psíquica dos impulsos só acontece quando eles atingem um ponto acima do limite somático, onde estaria um grupo de ideias denominado Grupo de estímulos psíquicos (ps.G). O uso de muitas abreviaturas é característico dos primeiros textos freudianos, bem como o modo pouco uniforme com que Freud as emprega. Por este motivo, Strachey (1895/1996a, p. 247) afirma que as abreviaturas “ps.G”, “ps.S”, “p.S” têm o mesmo significado: “grupo sexual psíquico”. Ao atingir este grupo, no limite do ego, a tensão sexual física desperta a libido psíquica, é transformada por ela e manejada psiquicamente. Haveria, portanto, uma economia energética que precisa ser restabelecida quando uma tensão endógena cresce contínua ou descontinuamente e que só pode ser percebida pelo ego quando atinge um determinado limiar. Onde se encontra o ego, encontra-se também a intermediação com o mundo externo, já que este é, em Freud, desde sempre, a instância que percebe os estímulos internos e os externos. A tensão sexual física, transformada em psíquica, dirige-se ao mundo externo na direção de um objeto, e, como efeito reflexo dessa operação, a reação produzida retorna ao corpo, resultando nas chamadas sensações voluptuosas. Estas, por sua vez, deixarão marcas no grupo psíquico, permitindo, assim, que todo o mecanismo possa ser novamente facilitado.

Da mesma forma irregular com que lida com a questão das abreviaturas, Freud também apresenta, no referido Rascunho, uma abordagem irregular dos termos “ação específica” e “reação específica”. Ao discutir situações em que supõe a falta de uma ação específica, estabelece relações com a melancolia, que aqui é apresentada como um estado em que se verifica um rebaixamento de excitação sexual. Destaca quatro pontos: as relações entre a melancolia e a anestesia (sexual); a melancolia como uma intensificação da neurastenia, através da masturbação, ou seja, efeito do autoerotismo; a melancolia em combinação com a angústia; e, por fim, a forma hereditária, periódica ou cíclica da melancolia (Freud, 1895/1996a).

Desses pontos, Freud (1895/1996a) destaca dois aspectos relevantes. O luto, afeto que permeia a melancolia, é o primeiro deles e consiste no desejo de recuperar o que foi perdido. A melancolia, que neste momento ainda não correspondia a um tipo clínico da psicose, consistiria em uma perda na vida pulsional, o luto pela perda da libido, energia que liga o

sujeito à vida e, sendo assim, também aos objetos externos. O segundo ponto recebe o nome de “exigências da vida”, e que, bem mais tarde, no texto “O mal-estar na civilização”, de 1930, denomina como *ananke*,³ demonstrando que, na vida humana, as leis da natureza passam por complexos processos de culturalização, matriz do campo simbólico.

No “Rascunho G”, o alimento é o paradigma. A “neurose nutricional” (Freud, 1895/1996a, p. 247), ou anorexia, é apresentada como um tipo de melancolia da sexualidade: “Perda de apetite – em termos sexuais – perda de libido” (p. 247). Não se trata da perda do objeto, mas da sua recusa. Curiosamente, é aqui, e não no texto do “Projeto para uma psicologia científica”, que, pela primeira vez, Freud articula o recurso da alimentação a uma ação específica que, enquanto tal, responde a uma exigência da vida fisiológica, ao mesmo tempo que articula o organismo aos objetos do mundo externo, inaugurando o campo do desejo. Por isso, da ausência de uma ação específica na melancolia, apreendem-se os efeitos mortíferos da perda, ou recusa do objeto, como perda dos laços sociais que implicam o sujeito às condições que garantem as “exigências da vida”, atravessada pelo campo simbólico da linguagem.

Ao examinar o que ocorre quando o “Grupo sexual psíquico”, ps.S, sofre uma perda na quantidade de excitação, Freud (1895/1996a) constata que tal evento pode se dar por duas situações. Na primeira delas, a produção de s.S (excitação sexual somática) diminui ou cessa, e, na segunda, a tensão sexual é desviada do ps.S (grupo sexual psíquico), embora a excitação sexual somática não esteja diminuída. No primeiro caso, Freud (1895/1996a) supõe a existência da melancolia grave, ou melancolia cíclica. A masturbação, cujo mecanismo opera uma excessiva descarga no órgão efeto, também afeta a produção de s.S, levando a um enfraquecimento do ps.S. Aí estaria a melancolia neurastênica. No segundo caso, em que a tensão sexual é desviada do ps.S, Freud supõe que a s.S estaria sendo utilizada em outra parte, na fronteira entre o somático e o psíquico.

No primeiro caso, as leis que regem o princípio do prazer parecem estar em risco, no entanto o rebaixamento dos estímulos endógenos que buscam a satisfação das exigências da vida também encontram algum modo de satisfação, ainda que sob o efeito do princípio da inércia, mantendo o mínimo de excitação possível sustentado pelo autoerotismo. No segundo

caso, é inscrita uma marca enigmática no corpo, um sintoma que, enquanto tal, se forma por reação a algo que impediu a s.S de se ligar ao grupo ps.S. Em ambos os casos, considerando se tratar de estímulos endógenos, “só têm utilidade as reações específicas – reações que evitem novo surgimento de excitação nos órgãos terminais em questão” (Freud, 1894/1996c, p. 237). Daí se conclui que a ação específica tem efeitos sobre as garantias de satisfação das exigências da vida, nossa terceira coordenada, agindo de modo a resguardá-las do risco de não se efeturem. Obviamente, não se pode desconsiderar a atuação do princípio da constância, que incorre na condição de que um mínimo de tensão é necessário no organismo, ou seja, que a satisfação em Freud é sempre parcial. Passemos agora ao texto do “Projeto para uma psicologia científica”. Vejamos se dele se extrai alguma nova coordenada, ou se reafirmamos as que já encontramos.

A AÇÃO ESPECÍFICA NO “PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA”

No “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1895/1996b) segue propondo uma abordagem energética para o funcionamento do aparelho psíquico, mas agora de forma mais sistematizada. Ainda que pareça cedo para falar em psicanálise nos moldes em que a teoria se estabeleceu posteriormente, há claramente a proposta de uma psicologia científica, sustentada na hipótese de uma ciência natural que seja capaz de representar o funcionamento psíquico através de processos quantitativamente estabelecidos. O aparelho psíquico surge, então, fundado pela perspectiva de uma economia energética, cuja dinâmica de funcionamento estaria baseada em um sistema de neurônios que integram funções perceptivas, defensivas e mnêmicas, responsáveis por catexizarem a vida psíquica (Assoun, 1983; Garcia-Roza, 2008).

Diferentemente dos textos anteriores, no “Projeto...”, Freud (1895/1996b) parece estar mais à vontade para abordar os caminhos dos estímulos endógenos e suas especificidades, entre elas a capacidade de romper com o princípio da inércia e, por outro lado, voltar a ele. O processo se efetiva na medida em que aumenta a complexidade interior do organismo, e o sistema nervoso recebe estímulos endógenos que, alinhados ao princípio da constância e do prazer, precisam ser

descarregados. É deles que se originam as grandes necessidades da vida, como a respiração, a fome, a sede e a sexualidade, e, diferentemente do que ocorre com os estímulos externos, dos estímulos internos o organismo não pode fugir. Apesar de Freud (1895/1996b) ainda se referir a tais estímulos internos como endógenos, podemos associá-los ao futuro conceito de pulsão. É aqui que o termo aparece pela primeira vez na obra de Freud, e não no texto dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, como afirmam Laplanche e Pontalis (2001). A pulsão é a força que surge do interior do organismo para sustentar toda a atividade psíquica: “Conhecemos essa força como vontade – o derivado das pulsões (*trieb*)” (Freud, 1895/1996b, p. 369). A própria ideia de força pulsional terá origem somática e impacto psíquico, conformando uma nova leitura metapsicológica do aparelho mental.

O exemplo da nutrição (Freud, 1895/1996b) é novamente emblemático, pois, para o pequeno vivente humano, tal necessidade só pode ser realizada por ajuda alheia, através de um objeto do mundo externo. Fica cada vez mais clara a ligação existente entre uma ação específica e os estímulos endógenos, pulsionais, como aqueles diretamente ligados às exigências da vida e que buscam escoamento no mundo externo na medida em que tais exigências excedem desmedidamente.

De acordo com a leitura que faz do aparelho mental, Freud (1895/1996b) supõe três sistemas de neurônios, pensados realmente como biológicos nesse período – ainda que posteriormente o autor os renomeie, forjando novos conceitos específicos do campo psicanalítico e dotando-os de novas conexões com o psiquismo: o sistema ϕ , constituído de neurônios permeáveis que fundam e definem a memória, o sistema Ψ (sistema psíquico), constituído posteriormente, sendo mais complexo e cujo desenvolvimento se daria pela acumulação de Q (quantidade de energia). Há ainda o sistema de neurônios φ perceptuais, sendo que $Q\eta$ constitui a quantidade de energia intracelular, ou psíquica.

A ação específica estaria ligada ao grupo de neurônios do sistema Ψ (psíquico), que são seletivos e caracterizados pelas especificidades de suas barreiras de contato. Através de um processo dinâmico, essas barreiras reconhecem a necessidade de descarga e passam a demandar uma ação específica frente à quantidade excessiva de energia dos neurônios. “E

agora se compreende como é conveniente que Ψ se constitua de neurônios impermeáveis, pois, do contrário, ele não poderia atender aos requisitos da ação específica” (Freud, 1895/1996b, p. 355). Todo o mecanismo da ação específica é apresentado a seguir. Apesar de extensa, apresentamos a citação na íntegra, na medida em que ela expõe a tese central acerca da ação específica que se manteve ao longo da obra freudiana:

O enchimento dos neurônios nucleares em Ψ terá como resultado uma propensão à descarga, uma urgência que é liberada pela via motora. A experiência demonstra que, aqui, a primeira via a ser seguida é a que conduz a alteração interna (expressão das emoções, gritos inervação vascular). Mas, como já explicamos no início, nenhuma descarga pode produzir resultado alivante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em Ψ . Nesse caso, o estímulo só é passível de ser abolido por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de Q no interior do corpo; e uma intervenção dessa ordem requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como ação específica, só pode ser promovida de determinadas maneiras. O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna (Freud, 1895/1996b, pp. 369-370).

A ação específica encontra aqui uma segunda definição, mais bem estabelecida, tendo em vista que agora se refere, claramente, a ações de cuidado que garantem a satisfação de exigências da vida como fome, sede e sexualidade, e que não podem ser realizadas pelo próprio bebê, já que, originadas por um estímulo endógeno, dependem de uma ação vinda do mundo externo. Todo o processo insere a ação específica no campo da satisfação pulsional frente a uma condição de desamparo.

A ação específica parece consistir, assim, em uma parte do processo completo da experiência de satisfação que pode ser demonstrada na seguinte situação: quando [...] uma pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno (Freud, 1895/1996b, p. 370).

A necessária presença de uma instância de alteridade que liga o vivente à humanidade e a suas referências simbólicas, malgrado realizar-se através do corpo biológico é, então, afirmada, o que a torna nossa quarta coordenada. Da mesma forma, começamos a supor que o estado de desamparo consiste em uma situação que ameaça as exigências da vida e que a ação específica vem em resposta a esse estado. Freud (1895/1996b) argumenta que o processo da experiência de satisfação tem três momentos que se instauram no aparelho psíquico: primeiro, ocorre uma descarga imediata eliminando o desprazer antes instaurado; depois, produz-se a catexização (ligação) dos neurônios que correspondem à representação do objeto; e, com as informações sobre a descarga que chegam da ação específica, estabelece-se uma facilitação entre as catexias e os neurônios nucleares, ou seja, inscreve-se uma marca que define e permite ao aparelho reconhecer a ação específica e voltar a instalar o circuito. Dito de outro modo, em certas condições em que as exigências da vida colocam em questão o protagonismo dos estímulos endógenos, as indicações de descarga energética tornam-se indicações da realidade de que o aparelho aprende biológica e psiquicamente a fazer uso.

Freud (1895/1996b, p. 379) também observa que a ação específica pode se instaurar a partir de alguma situação que derive, ou que faça as vezes dela. Vejamos: “quando o ego, no momento em que surge essa indicação da realidade, se encontra em estado de tensão e desejo, ela permite que se siga uma descarga no sentido da ação específica”. Porém, no caso de a indicação da realidade coincidir com um aumento do desprazer, e no caso de a ação específica não ocorrer, pode se dar, por meio de uma catexia de considerável grandeza, uma espécie de defesa. Mas, se nenhuma dessas duas circunstâncias ocorrerem, a catexia poderá ainda prosseguir sem impedimento, por meio das facilitações já encontradas. A catexia ...

de desejo levada ao ponto de alucinação e a completa produção do desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designadas como processos psíquicos primários; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante uma boa catexia do ego, e que representam versões atenuadas dos referidos processos primários, são descritos como processos psíquicos secundários (Freud, 1895/1996b, p. 379).

O aparelho psíquico é aqui um gerenciador da economia energética. Sua função primária é descarregar os estímulos, enquanto sua função secundária ressalta as vias que envolvem a diminuição, ou a cessação do estímulo, sendo que a precondição para os processos secundários é a utilização correta das indicações da realidade. “Todas as funções do sistema nervoso podem ser compreendidas sob o aspecto das funções primária ou secundária impostas pelas exigências da vida” (Freud, 1895/1996b, p. 349).

A ação específica pode ainda se colocar em cena através de vias de descarga intermediária. A inervação da fala, por exemplo, como o grito, o choro, ou mesmo um pedido, são modos diversos de uma via de descarga que regula as oscilações empreendidas pela quantidade de energia Q: “é uma parte da via que conduz à mudança interna, que representa a única descarga enquanto não se redescobre a ação específica” (Freud, 1895/1996b, p. 421). A importância desta via é a de adquirir uma função secundária, a da comunicação. Através dela, o sujeito atrai a atenção do objeto de desejo para si, a exemplo do outro experiente, aquele que auxilia. A alteridade fica assim amalgamada na função de receber a demanda que o sujeito lhe dirige, servindo ao que Freud (1895/1996b) chamou de “propósito da comunicação, ficando assim incluída na ação específica” (p. 421). A fala e a instauração da linguagem, estabelecidas através da relação com a alteridade, permite colocar a ação específica no cerne dos processos de constituição do sujeito como ser falante da cultura, imerso no mundo simbólico com seus diferentes modos de satisfação.

Freud (1895/1996b) dá a entender que ainda não tinha muita clareza de todas as possibilidades do processo, como é o caso da via alucinatória, no entanto afirma que se trata de “um exemplo da possibilidade de chegar, pela reprodução das catexias (ligações facilitadas anteriormente), a uma ação que já é uma das ramificações acidentais da ação específica” (p. 381). Em outros termos, na impossibilidade da ação específica que implica a presença real do objeto, o pequeno vivente pode alucinar o objeto de forma autoerótica pelas vias da facilitação que se inscreveram com vistas à satisfação pulsional.

Embora a instância do ego seja um problema obscuro, cuja elucidação é necessária no processo que leva a uma ação específica, Freud postula uma definição que, ainda que incipiente, é bastante importante: “O ego consiste,

originariamente, de neurônios nucleares, que recebem Q endógena pelas vias de condução e a descarregam ao longo do curso da alteração interna” (Freud, 1895/1996b, p. 424). Afirma, assim, que a quantidade de energia Q implica uma perda para o ego e, por isso, “deve ser limitada na medida do possível, pois as Qs estão destinadas à exigente ação específica” (p. 423). Dessa forma, todo o processo da experiência de satisfação é explicitado de forma a estabelecer a relação da ação específica com o papel que cabe ao ego na intermediação que este faz com uma instância de alteridade.

É evidente, portanto, que as barreiras que impedem o ego de catexizar a imagem desejante e a imagem motora acima de certa medida são a causa de uma acumulação de Q no ego e o impelem, talvez, a transferir a sua Q, dentro de certos limites, para os neurônios que se encontram a seu alcance (Freud, 1895/1996b, p. 424).

Todo esse processo estabelece uma linha demonstrativa que permite que se apreenda a formação do pensamento e de seu curso em Freud (1895/1996b), estabelecendo sua relação com a ação específica, bem como constatar que, nem sempre, um pensamento precisa resultar em uma ação motora.

O objetivo do pensamento prático é a identidade, o desembocar da catexia $Q\phi$, deslocada na catexia de desejo, que, nesse meio tempo, ficou firmemente retida. Devemos encarar de um ângulo puramente biológico o fato de que, com isso, cessa toda a necessidade de pensar e se possibilita, em vez dela, a inversão total das imagens motoras, [...] imagens que, em tais circunstâncias, representam um elemento auxiliar justificável da ação específica (Freud, 1895/1996b, pp. 433-434).

Freud estaria dizendo que o pensar, o pensamento prático, seria um elemento auxiliar para que o sujeito demande uma ação específica? Parece que sim. Ele segue dizendo que o processo do pensamento pode seguir de forma independente da vivência de uma expectativa, ou da própria realidade, de modo que esse processo, “mesmo depois de completado, não leva à ação; mas terá produzido um conhecimento prático, que poderá ser utilizado numa oportunidade real posterior” (Freud, 1895/1996b, p. 434). Alega, contudo, que o ideal é que o processo de pensamento prático, origem de todos os processos de pensamento, possa estar preparado para enfrentar as condições da realidade, sem ter que recorrer a improvisações

(p. 434). Assim, seria extremamente “vantajoso que a distribuição do pensamento, que se efetua no pensamento prático, possa ocorrer de antemão, sem que seja preciso esperar pelo estado de expectativa: porque isso poupa tempo, que poderá ser aproveitado para a elaboração da ação específica” (p. 439). O estado de expectativa não é favorável à passagem do pensamento e se esse processo persiste por longo tempo, torna seu resultado inútil, ou seja, não cumpre a experiência de satisfação. “É por essa razão que pensamos por antecipação” (p. 439).

Freud (1895/1996b) conclui afirmando que a “analogia entre o pensamento prático e a ação eficiente é digna de nota” (p. 443), mas, antes disso, retoma ainda o pensamento crítico e, a partir dele, reflete sobre eventos que indicam um paradoxo na experiência de satisfação. “Essa forma de pensamento é motivada quando, apesar de ter obedecido a todas as regras, o processo de expectativa, seguido pela ação específica, não causa satisfação, e sim desprazer” (Freud, 1895/1996b, p. 442). Estaria aí um esboço da noção da falta em psicanálise?

OUTROS REGISTROS DA “AÇÃO ESPECÍFICA”

No texto sobre o Recalque, Freud (1915/1996a) parece querer demonstrar a não relação entre um impulso endógeno que se eleva a níveis desmedidos no corpo, a exemplo da fome, e o recalque. Tal estímulo teria relações apenas com “a ação que o satisfaz” (p. 152). O recalque deve ser buscado em outras conexões. Freud não as define, mas supomos que elas estejam ligadas, como indica seu diagrama da sexualidade, às facilitações que levam, por reação a uma ação específica, ao p.s.S, (grupo sexual psíquico), aqueles nos quais os impulsos endógenos se exprimem através de representantes psíquicos. “Assim, por certo, o recalque não surge nos casos em que a tensão produzida pela falta de satisfação de um impulso instintual é elevada a um grau insuportável” (Freud, 1915/1996a, p. 152). Aos moldes da ação específica é necessária uma vinculação com o objeto da descarga, sem que haja recalque, para haver alívio e satisfação, ainda que se mantenha um nível de tensão através do desejo insatisfeito.

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/1996) fala da “ação especial” (p. 76) que o bebê humano recebe do mundo externo no processo de desenvolvimento do ego, instância através da qual, ao longo do percurso

inicial da vida, aprende a distinguir as sensações que fluem sobre seu corpo. Alguns estímulos, os que provêm de seus próprios órgãos, poderão provê-lo de sensações a qualquer momento, mas outros o escaparão, como o seio materno. Apesar de não haver nada de novo aí, vale ressaltar que a “ação especial” é a ação específica, parte fundamental do processo de constituição do sujeito, bem como do desenvolvimento do ego que leva o pequeno vivente a distinguir o mundo interno e o mundo externo.

O QUE INDICAM AS COORDENADAS FREUDIANAS

Neste ponto do trabalho, recuperamos as coordenadas extraídas da investigação teórico-conceitual. Elas resultaram em quatro orientadores que agora nos servirão de chave de leitura para a apreensão do estatuto do termo “ação específica” em Freud, cuja especificidade se fez notar de variadas formas. Trata-se de uma ação fundamental que é parte de um mecanismo de regulação, no corpo, do aumento de excitação do estímulo interno, uma experiência de satisfação, e dá tratamento para a angústia, na medida em que estabelece uma descarga adequada dirigida a um objeto externo, cuja reação é sentida no corpo, produzindo representantes psíquicos que podem ser reativados pelas vias de facilitação que se inscrevem no psiquismo. Além disso, tem como efeito garantir as exigências da vida que, para os seres humanos, se naturalizam no campo simbólico, e seu mecanismo supõe a relação com uma alteridade inaugurada através da linguagem. Discutiremos uma a uma destas coordenadas, e a dinâmica de articulação entre elas.

Começamos pelo caminho aberto por nossa primeira coordenada: a ação específica é parte de um mecanismo energético de regulação, no corpo, do aumento de excitação do estímulo interno. Trata-se de uma experiência de satisfação que claramente nos coloca diante da dinâmica pulsional freudiana e de como seu mecanismo energético e econômico é concebido através de uma experiência de satisfação que, enquanto tal, articula relações de objeto, internos e externos. Nos seus primeiros rascunhos, Freud (1894/1996a; 1894/1996b, 1894/1996c) esboça esse mecanismo de regulação pulsional, basal para o modelo de um psiquismo que visa sempre à satisfação, mesmo que parcial, ainda que através de

uma linguagem neurofisiológica por demais centrada nas vias que se estabelecem entre o órgão e o psiquismo. Será, porém, o texto do “Projeto para uma psicologia científica” que evidenciará, com mais clareza, o papel do mundo externo nos mecanismos desta experiência e seus efeitos no laço social. O fundamental desta ação é apresentado quando uma “(...) pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado” (Freud, 1895/1996b, p. 370).

Quando Freud (1905/1996; 1910/1996; 1915/1996b; 1920/1996) elabora suas teorias das pulsões, sustenta-as sempre por uma dualidade: pulsão de autopreservação X pulsão de conservação da espécie, pulsão de vida X pulsão de morte. Desde o início, se dá conta de estar às voltas com um tipo de pulsão – não meramente instintual – que se estabelece para os seres humanos de forma particularizada, um impulso energético que não se satisfaz pela via da necessidade, não se contenta com um único e mesmo objeto e escapa à previsibilidade biológica das leis da natureza. (Freud, 1915/1996b).

As considerações acerca da ação específica como uma ação fundamental para a regulação, no corpo, do aumento de excitação do estímulo interno concernem, diretamente e de modo particular, ao objeto da pulsão, quando este se define por uma alteridade, ou seja, um objeto externo, embora Freud também considere a possibilidade de esta ação ter efeitos sobre o corpo quando este objeto surgir de forma alucinada, em desacordo com as indicações da realidade. A ação específica frente ao excesso de excitação endógena põe em operação um mecanismo de satisfação que, ao visar uma “descarga adequada”, toma um objeto, mas não um objeto qualquer, como alvo de sua direção, já que sua ação deve ter como efeito o alívio da descarga e a conseqüente diminuição da excitação.

A segunda coordenada indica que uma ação específica pode dar tratamento para a angústia ao restabelecer a regulação e o emprego “adequado” das excitações sexuais no psiquismo a níveis também adequados a seu funcionamento, já que faz surgir um objeto capaz de funcionar como “descarga adequada” ao estabelecimento de tais ligações.

Embora tal processo possa ser ilustrado no texto do “Rascunho G” (Freud, 1895/1996a), é no texto “As pulsões e suas vicissitudes”, de 1915, que Freud demonstra como o ângulo da fisiologia lhe permitiu distinguir a especificidade de certos estímulos que chegam ao organismo, de outros

que se originam dele. Através do modelo do arco reflexo verifica que “(...) um estímulo aplicado ao tecido vivo (substância nervosa) a partir de fora é descarregado por ação para fora” (Freud, 1915/1996b, p. 124). No caso dos estímulos endógenos, pulsionais, Freud é forçado a lidar de outra forma com a questão, já que estes se originam no corpo, são impulsos constantes, e conta-se ainda com o fato de que o sistema nervoso é um aparelho que tem por finalidade reduzir ao mínimo necessário os estímulos que lhe chegam. Esses aspectos complicam o modelo do arco reflexo, levando Freud (1895/1996a) a se valer do seu diagrama do esquema da sexualidade.

Embora, no início da psicanálise, a origem da angústia seja uma questão para Freud, o circuito pulsional que ele demarca equivale angústia e desamparo, ou seja, aquele cujo impulso físico sexual se eleva desmedidamente, estando impedido de se ligar ao psiquismo. Estas condições forçam o estabelecimento da relação de objeto. Pela reação de uma alteridade, o ato do sujeito que se traduz na busca por uma “descarga adequada” faz retornar a seu corpo efeitos apaziguadores na direção de sua tendência original à inércia. É assim que o esforço a mais do organismo resulta na propensão a uma descarga motora que, no caso da criança pequena, conhecemos através do grito ou do choro intenso, e que, quando respondida, toma parte nos processos de constituição do sujeito, das matrizes do eu e do não eu, bem como das insígnias que vão delimitando estas duas dimensões no psiquismo.

Uma falha nesse mecanismo de satisfação, um impedimento frente às exigências da vida (Freud, 1894/1996c, p. 238), coloca o organismo em estado de tensão e perigo. “Por algum motivo, a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um afeto sexual não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos” (Freud, 1894/1996c, p. 238). Nestas condições, a angústia pode ser tomada como o resultado das insatisfações pulsionais que, na ausência de uma ação específica, cujo ato só pode se inscrever a partir de uma instância de alteridade, produzem perigos que desamparam o sujeito no laço social.

A origem das teorizações psicanalíticas acerca do ato e de sua relação com a angústia pode estar aí demarcada, a exemplo do que se encontra em Lacan (2005), no sobre “A Angústia”, quando se refere ao *acting out* e à passagem ao ato. Por esse motivo, dentre as complicações que ainda

se pode extrair deste complexo circuito pulsional está a possibilidade de o sujeito não endereçar nada ao objeto externo, a instância de alteridade, o que indica haver modos de satisfação que não passam necessariamente pelo outro, a exemplo do autoerotismo ou no narcisismo, trazendo consequências para o desejo. Neste caso, o trajeto dessa tensão que prescinde do objeto externo permanece no próprio corpo, colocando em risco o que Freud chamou de “exigências da vida”, e a psicanálise lacaniana chama de laço social que funda a especificidade do psiquismo humano. Trata-se, pois, de um mecanismo econômico primordial.

Chegamos, por fim, a nossa terceira coordenada, que indica que a ação específica tem como efeito garantir as exigências da vida. Para isso é preciso situar o que Freud quer dizer com essa expressão. Ele parte da necessidade de satisfação dos estímulos endógenos, cujas fontes, fome, sede e pulsão sexual, se situam no corpo, mas que, enquanto tais, empreendem diferentes modos de satisfação e de relações de objeto, a exemplo da comida, bebida, ou, do objeto de amor. Freud (1894/1996c; 1895/1996a; 1915/1996b) afirmou, acerca da tensão endógena, que diante dela, apenas uma ação específica tem ali alguma funcionalidade, ou seja, apenas a ação de uma alteridade no laço social, na natureza simbólica destas relações produz algum efeito apaziguador, ainda que a pulsão, enquanto tal, seja ineliminável.

A quarta coordenada, está por demais implícita nas outras, aquela que indica que a ação específica implica uma relação com a alteridade. Mas, é importante ressaltar que, em termos lacanianos ela também abre a possibilidade de tomar essa instância de alteridade a partir da noção de Outro, cujos efeitos de uma ação específica frente ao desamparo do sujeito, no tecido social, também podem ser apaziguadores. Aqui, em termos freudianos, cabe abordá-la, no entanto, a partir do viés trazido pelo próprio Freud (1915/1996b) ao afirmar que o estímulo pulsional age de diferentes maneiras e isso requer diferentes ações específicas ou “convenientes” (p. 124), isto é, diferentes formas de agir sobre o “desamparado”, como escreve no “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1895/1996b).

É através do papel e das possibilidades de se exercer estas ações específicas que a instância de alteridade e suas versões emergem em sua importância de fazer frente às ameaças à vida psíquica do sujeito desamparado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS... UM DESEJO QUE NÃO SEJA ANÔNIMO

O estatuto teórico-conceitual daquilo que a ação específica sustenta em Freud abre, assim, caminho para discussões mais amplas acerca da função do Outro social frente ao desamparo do sujeito e o mandato psicossocial das políticas públicas. Tal desamparo, por portar em si o paradigma da vulnerabilidade do sujeito, não pode ser considerado sem a dimensão paradoxal da pulsão (Freud, 1920 1996). Enquanto força vital, ela instaura o circuito do desejo e, enquanto força que busca a ausência de tensionamento, inscreve a dimensão mais essencial do sujeito psicanalítico, a dimensão do desejo. Portanto, ainda que aqui se proponha considerar a ação específica como uma coordenada clínica da psicanálise no campo das políticas públicas, não se trata de realizar uma necessidade do sujeito-cidadão, mas, de considerar que o circuito necessidade-demanda-desejo, o mesmo que mantém o sujeito ligado à vida, ao tecido social, ou, a uma alteridade, só se mantém operativo por produzir um resto não simbolizável.

Nesse sentido, podemos reunir, a partir da presença simbólica do outro cuidador, diferentes intervenções que estão tanto aquém quanto além da pragmática da ação social. Elas vão do investimento pulsional, do reconhecimento simbólico, do enlace afetivo, da orientação à escuta, na oferta de uma posição que lê as coordenadas pulsionais e o circuito da repetição do sujeito em meio às ofertas assistências, bem como na interpretação do uso que ele faz delas. Elas se tornam, assim, elementos que alçam simbolicamente a relação estrutural de desamparo, radicalizada na adolescência, à índice de atualização compulsiva. Da saciação da fome e da oferta de abrigo, do registro documental à palavra, o outro cuidador, como quem pode intervir em uma situação originária de desamparo atualizada na adolescência, encontra na matriz freudiana um guia para ler o sujeito e pensar, a partir de sua compulsão à repetição, como intervir nas brechas do sistema sobre o que não cessa de não se escrever, abrindo a condição para que o adolescência possa fazer sua travessia, reposicionando-se no laço social.

Neste ponto, a clínica vem em nosso auxílio no sentido de elucidar que aquilo que tem o efeito de ações específicas de cuidado, no âmbito do Outro institucional, consiste na operação de deslocamento da alienação sintomática do sujeito, sustentada pelo eixo imaginário do inconsciente,

para a dimensão simbólica, cujo efeito ressignifica o real. Assim, nos fragmentos de casos mencionados no início do texto verificamos distintas soluções. No caso 1, ao circunscrever o lugar e a função do alimento nos laços familiares, a equipe evidencia o mal-estar que, na trama familiar, identificava o jovem como herdeiro da violência paterna. No caso 2, ao circunscrever a dimensão do desamparo materno, a equipe dá lugar às questões da mãe, o que promove a possibilidade de deslocar o sujeito daquilo que o alienava no enquadre fornecido simbolicamente pelo sintoma materno, permitindo ao jovem se ocupar e ressignificar suas próprias questões. 3. No terceiro caso, é no âmbito das idealizações do sujeito que a dimensão imaginária se situa, impedindo que o jovem pudesse, de fato, ser adotado pelo Outro primordial. O confronto traumático como esse real acentuou o mal-estar, mas convocou o Outro parental a se posicionar frente ao seu desejo. E, no quarto caso, a equipe evidenciou o fracasso do Outro, institucional e parental, na sustentação do desejo frente à ruptura radical do sujeito ou o limite do simbólico face às exigências e imposições da vida pulsional.

Para os seres falantes, as exigências da vida não são garantidas pela disponibilidade do objeto alimento, tampouco pela presença do outro na figura encarnada dos cuidadores. O alimento pode ser radicalmente recusado ou excessivamente consumido e a presença do outro pode não articular o circuito do desejo, deixando o sujeito em dificuldades. É exatamente pela impossibilidade estrutural das “grandes necessidades da vida” não poderem ser garantidas pelo próprio organismo, que as ações específicas dependem, incondicionalmente, da relação com uma alteridade que reconheça o sujeito e articule saídas possíveis ao limite da linguagem enquanto tal, ainda que essas operações estejam submetidas aos paradoxos que, além do princípio do prazer, estruturam os modos de satisfação do sujeito.

Os efeitos da ação específica encontram-se, pois, no apaziguamento do desamparo e não em sua eliminação, já que este é efeito estrutural do resto não simbolizável que se produz na relação com uma alteridade. Talvez, como propôs Lacan (1969 1983), tal ação tenha sua matriz na instauração de um desejo que não seja anônimo a partir daquilo que, na relação com o Outro primordial, falha sempre no processo de transmissão

e filiação. Obviamente, o manejo necessário para tratar essa dimensão exige a consideração, no trato psicanalítico, à transferência de modo a deslocar o circuito pulsional de sua compulsão à repetição, mas isso requer outras formalizações que excedem o escopo deste artigo.

Assim, a título de conclusão parcial da pesquisa, no que este artigo propôs como objetivo principal, constatamos, diante do estatuto teórico encontrado para o termo “ação específica” em Freud, que se trata de: (1) ação fundamental nos processos de regulação pulsional; (2) mecanismo capaz de dar tratamento para a angústia; (3) ação que tem como efeito garantir as exigências da vida e (4) mecanismo que supõe a relação com uma alteridade face a um perigo pulsional.

REFERÊNCIAS

- Assoun, P. L. (1983). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Imago.
- Freud, S. (1996a). Rascunho D. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 231-232). Imago. (Originalmente publicado em 1894).
- Freud, S. (1996b). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada 'neurose de angústia'. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 3, pp. 91-118). (Originalmente publicado em 1894).
- Freud, S. (1996c). Rascunho E. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 235-241). Imago. (Originalmente publicado em 1894).
- Freud, S. (1996a). Rascunho G – Melancolia. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 246-253). Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1996b). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 335-443). Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 7, pp. 117-231). Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 11, pp. 217-227). Imago. (Originalmente publicado em 1910).
- Freud, S. (1996a). Recalque. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 147-162). Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1996b) As pulsões e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 117-144). Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 13-75). Imago. (Originalmente publicado em 1920).

- Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e angústia. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 20, pp. 91-167). Imago. (Originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 67-148). Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- Garcia-Roza. (2008). *Freud e o inconsciente* (23a ed.). Zahar.
- Guerra, A. M. C., & Januzzi, M. E. S. (mai. 2020 a out. 2020). Vulnerabilidade social e as modalidades do desamparo em Freud: desamparo estrutural, radical e generalizado. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 15(30), 80-100. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2020v15n30p80-100
- Guerra, A. M. C.; Januzzi, M.E.S & Ferrari, I. F. (2021). Desamparo e ações específicas de cuidados com um adolescente na rede pública. *Psicologia Em Estudo*, 26. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v26i0.51119>
- Strachey, J. (1996). Notas/Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 349). Imago.
- Lacan, J. Duas notas sobre a criança. *Ornicar?*, *Revue du Champ freudien*, 37, avril-juin 1986, pp. 13-14.
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. Martins Fontes.

NOTAS

¹Pesquisa registrada no Comitê de Ética (CAAE: 96236718.3.0000.5149) e com financiamento da CAPES.

²A teoria pulsional em Freud ganhou alguns modelos de formulação até o final de sua obra: Em *As pulsões e suas vicissitudes*, de 1915, Freud discute a pulsão de preservação da espécie e a pulsão de autoconservação, a pulsão sexual e a pulsão do eu, e em *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud aborda a pulsão de vida e a pulsão de morte.

³*Ananke* é um termo presente em vários momentos da obra freudiana. Em termos gerais, está ligado a destino, ou às leis da natureza a que é submetido o indivíduo.